

José de Anchieta quer devolução das áreas verdes

AS16001

Reportagem de Cláudia Feliz e Marcelo Martins
Fotos de Ailton Lopes



Está e uma das áreas que foram doadas

Moradores criticam a distribuição irregular de lotes

Sem sombra de dúvida a maior problemática vivida pelos quatro mil moradores de José de Anchieta diz respeito aos espaços perdidos para instalação de equipamentos. Esta reivindicação carregada de denúncias e acusações foi a tônica durante a visita do projeto "Gazeta nos Bairros", sendo que a comunidade não poupou críticas às administrações passadas da Serra, que doaram e venderam várias áreas destinadas ao lazer da população, "por motivos puramente eleitoreiros", conforme moradores.

Com isso, a população é forçada a improvisar o lazer no meio da rua e em alguns terrenos baldios e abandonados pela Prefeitura da Serra, como é o caso de uma área de 23.136 metros quadrados destinada a um projeto de módulos esportivos. Um outro terreno situado próximo à rua Diamante também é utilizado pelos jovens que, em nome da diversão, correm riscos em permanecer naquele local. Sobre a área, simplesmente passa uma rede elétrica de alta tensão a poucos metros de altura.

O morador Walmir Correa Rangel, que fez questão de apresentar uma planta da situação do bairro, acusou o ex-prefeito José Maria Feu Rosa de, inclusive, ter vendido uma área de 3 mil metros quadrados para a empresa Concil. Situado entre a rua Peroba do Campo e Cedro este terreno seria destinado à creche e centro comunitário.

Uma área situada na rua Coronel Manoel Nunes, simplesmente foi entregue a uma ordem maçônica que ali promove churrasco e piqueniques, nos fins de semanas, onde só entram pessoas ligadas

Ex-presidente do Centro Comunitário de José de Anchieta, Walmir Correa Rangel disse que uma área de 3.294 metros quadrados, situada na rua Água Marinha, foi doada a funcionários da Escelsa e mais 20 famílias. O terreno deveria ser destinado a um centro comercial.

Um outro terreno de 1.472 metros quadrados foi entregue a uma igreja e, posteriormente, distribuído entre mais de 15 famílias. "Nesse caso, o absurdo foi tanto que todas as casas invadiram a rua coronel Manoel Nunes".

Para o prefeito da Serra, João Batista Mota, a distribuição de áreas em José de Anchieta foi o maior crime cometido contra a população do bairro. Além dos prejuízos no que toca à parte de lazer, o prefeito apontou ainda que inúmeros imóveis foram desvalorizados em consequência do favelamento de José de Anchieta patrocinado por José Maria Feu Rosa e seu sucessor Arino Gonçalves.

Segundo Mota, a prefeitura nada pode fazer uma vez que as áreas tomadas não pertencem ao patrimônio municipal e sim exclusivamente à comunidade de José de Anchieta. Para o representante da Cohab-ES, engenheiro Florentino Maria Costa, a população deveria reagir contra a ação do ex-prefeito Feu Rosa e alguns outros políticos do PDS serrano. Esclareceu que conforme a lei 6.766, que trata do parcelamento do solo, 35% da porção de terra do conjunto devem ser reservados para áreas verdes e instalação de equipamentos comunitários.

Em meio a toda essa confusão, os moradores têm

Os moradores do bairro José de Anchieta, na Serra, querem a retomada de todas as áreas destinadas à instalação de equipamentos comunitários, doadas irregularmente pela antiga administração municipal, que, ao invés de valorizar o lazer e outras atividades de interesse da popula-

ção, permitiu a construção de grande quantidade de barracos e favoreceu até mesmo uma firma particular. Paralelo a isso, os quatro mil moradores sofrem com as deficiências da rede de esgoto, quase sempre entupida. A segurança é outro aspecto que também deixa a desejar, enquanto que a única

escola do bairro já não atende mais à demanda. Na parte de saúde, a comunidade reivindica a volta de uma ambulância adquirida com recursos próprios. O transporte coletivo é outro motivo de queixa. Até o administrador regional do bairro reconhece a falta de apoio da prefeitura.

Erosão está afetando pavimentação de ruas

Se não há reclamações sobre o serviço de iluminação pública, o mesmo não se pode dizer com relação à pavimentação de várias ruas do bairro. Em alguns pontos, como nas ruas Canela, Cedro, Água Marinha e Esmeralda, o processo de erosão vem atingindo seriamente a pavimentação, ocasionando um alto risco para a população.

O desmatamento provocado para viabilizar a construção de barracos ao redor de José de Anchieta é um dos principais responsáveis pela erosão, bem como entupimentos da rede de esgoto. Na rua Água Marinha, um barracão que serve de botiquim, cujo proprietário foi presenteado com um terreno pelo-ex-prefeito Feu Rosa, corre risco de desabamento, face a um enorme deslizamento de terra ocorrido próximo ao seus pilares de madeira.

Até o momento, a Cohab apenas providenciou a recuperação de dois pontos críticos no bairro. Segundo o engenheiro do órgão, Florentino Maria, as obras somente podem ser viabilizadas através de recursos do Ministério do Interior. "Estamos aguardando a liberação dessas verbas para recuperar 14 conjuntos habitacionais no Estado, inclusive, José de Anchieta", disse.

Mas não é só o problema de erosão que tem que ser resolvido. Ruas como a Berilo, Diamante, Imbuia, Manoel Nunes (esta é o principal acesso



Na rua Cedro, os efeitos da erosão

ao bairro e deverá ser pavimentada através do projeto Transcol), e Água Marinha estão com problemas de buracos em vários pontos.

Ônibus são outro grande problema

O transporte coletivo é um outro problema reclamado pela comunidade de José de Anchieta. Segundo os moradores, os ônibus estão sempre lotados e o mais grave é que não cumprem os horários que deveriam ser de 15 em 15 minutos, mas deixam o usuário esperando no ponto por até 50 minutos.

Rosa Gomes, moradora na rua Água Marinha, disse que sábado e domingo a situação é cada vez pior, quando ocorre uma redução no número de coletivos. Ela quer que o Detran

Comunidade reivindica desobstrução em toda a rede de esgotos

O conjunto habitacional registra problemas relacionados à precariedade da rua rede de estotos. São muitas as reclamações sobre o entupimento da rede e também existem vazamentos em algumas ruas, atestando o fato. A comunidade quer que a prefeitura promova a desobstrução das manilhas.

Todo o esgoto do bairro é despejado nas suas imediações e, tal fato, segundo atestam alguns moradores e, também, o presidente do Centro Comunitário, Sinvaldo Paulo dos Santos, acabou por contaminar a água anteriormente distribuída por um chafariz, instalado por iniciativa da prefeitura. A água, segundo Sinvaldo, era de excelente qualidade e muitas famílias a utilizavam apenas para beber (houve época, em que o conjunto não recebia água tratada e o chafariz, por isso mesmo, era de grande utilidade).

FECHADO

O chafariz atualmente não tem nem mesmo torneira. Elas foram retiradas justamente para evitar que a água contaminada fosse consumida. Em algumas ruas, como a Imbuia, o que aflije aos

Subdelegacia simplesmente não existe

José de Anchieta não dispõe de subdelegacia de polícia. A mais próxima, situada em Cantinho do Céu, por sua vez, é motivo de várias queixas da comunidade, que já chegou a pedir, através de um abaixo-assinado, entregue ao secretário da Segurança, Dirceu Cardoso, o afastamento do subdelegado, conhecido apenas pelo nome de "Degazito".

Embora dispondo de um posto da Polícia Militar, o bairro se ressentia da falta de policiamento ostensivo. Um dos integrantes do conselho fiscal do Centro Comunitário, Altamiro Custódio da Silva, explicou que, há aproximadamente cinco meses, foi encaminhada uma reivindicação ao comandante do 1º Batalhão, capitão Cavati, na qual a população solicitava a presença do policiamento ostensivo no bairro. "Fomos atendidos e os policiais puderam ser vistos nas ruas durante uns 30 dias. Depois sumiram", disse ele.

TEMOR

Outro morador, o advogado Eliezer Siqueira de Souza, assegurou que, em decorrência da precariedade do serviço de segurança, os assaltos, arrombamentos e, também, o consumo de drogas aumentaram. O subdelegado, na opinião do morador Maurício Negrelli e também do 2º tesoureiro do Centro Comunitário, Walmir Corrêa Rangel, "não tem capacidade para atuar na função".

Eles asseguram que "Degazito" não dispõe de condições de trabalho e também abusa da autoridade que lhe foi conferida pelo secretário da Segurança, promovendo, até mesmo detenção de menores. O que a comunidade reivindica é o retorno do policiamento ostensivo da Polícia Militar, além do aparelhamento do destacamento local. Não há telefone no posto, o que impede o chamado num momento de necessidade dos moradores.

GAZETA NOS BAIRROS

APOIO

SEMPRE NA HORA CERTA / Caderneta de Poupança TripliK Dinheiro tranquilo

Escola funciona em galpão e capacidade é bastante limitada

Apenas uma escola, municipal, existe no bairro, funcionando em três turnos e abrigando, em suas 16 salas, 1.900 alunos. A escola é um galpão, construído na administração passada e, por isso, registra problemas na estrutura física do prédio. Quando chove, por exemplo, todo o interior do estabelecimento é invadido pela água.

A escola de 1º grau Manoel Carlos de Souza, segundo o secretário municipal de Educação, Getunildo Pimentel, é uma das diversas da rede municipal a apresentar problemas, relacionados à estrutura física. "Em junho do ano passado, fizemos um levantamento e constatamos que seriam necessários Cr\$ 10 bilhões para que se promovesse uma melhora na rede. A Secretaria da Educação construiu no município várias escolas, mas o MEC não deu seu parecer sobre os projetos

que para lá encaminhamos", explicou.

Segundo Getunildo Pimentel, a prefeitura já manteve contatos com a Secretaria da Educação e a construção de uma outra escola, da rede estadual, no bairro, vem sendo discutida. Isso porque é grande a demanda de alunos na região e as apenas 16 salas de aula não comportam todos os que buscam a escola.

Mas há também carência de material na Manoel Carlos de Souza. Os professores, por exemplo, não têm mesas em número suficientes. Algumas crianças também reclamaram do número excessivo de aulas vagas e se queixaram da falta de um bebedouro (o que existe está quebrado), alegando que, para aqueles que não têm dinheiro para o refrigerante, resta apenas a opção da água não filtrada das torneiras. A diretora, porém, assegurou que na escola há filtros em quantidade suficiente.

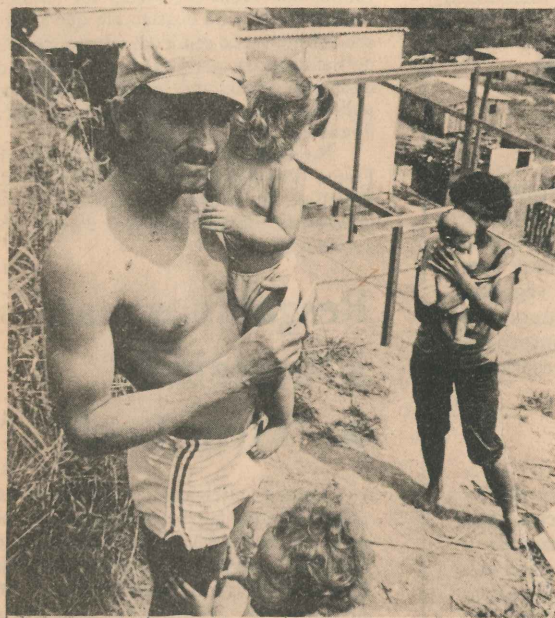
Administrador admite falta de apoio dos setores municipais

A falta de apoio dos vários setores da administração municipal foi apontada pelo administrador regional de José de Anchieta, Maurício Negrelli,



de apresentar uma planta da situação do bairro, acusou o ex-prefeito José Maria Feu Rosa de, inclusive, ter vendido uma área de 3 mil metros quadrados para a empresa Concil. Situado entre a rua Peroba do Campo e Cedro este terreno seria destinado à creche e centro comunitário.

Uma área situada na rua Coronel Manoel Nunes, simplesmente foi entregue a uma ordem maçônica que ali promove churrasco e piqueniques, nos fins de semanas, onde só entram pessoas ligadas à instituição. Uma outra enorme área situada entre as quadras 47,46 e 48 foi doada a mais de 30 famílias de pessoas vindas, em boa parte do sul da Bahia e norte de Minas Gerais, e também a cabos eleitorais de Feu Rosa, segundo apontou Walmir Correa.



Waldemar reclama também dos vizinhos

Desnível provoca muita preocupação

Além do favelamento no conjunto, segundo os moradores, patrocinado pelo ex-prefeito da Serra, José Maria Feu Rosa, através da distribuição de áreas da comunidade, um loteamento existente ao redor do bairro tem preocupado os moradores e, sobretudo, os clientes da imobiliária Convém Compra e Venda de Imóveis Ltda., que se dizem enganados porque as promessas de urbanização não foram cumpridas até agora.

E a julgar pelas características topográficas do loteamento não é difícil prever que, em alguns pontos, será simplesmente impossível implantar qualquer benefício, face ao desnível do terreno. O fato é que o loteamento somente veio trazer prejuízos porque, da mesma forma, está contribuindo para o processo de favelamento de José de Anchieta.

Um dos compradores da Imobiliária Convém, Nivaldo Jesus Soares, disse que há quatro anos está aguardando a instalação de água, luz e arruamento do acesso ao seu barraco, situado próximo a um brejo. Ele comprou o terreno por Cr\$ 82 mil e está pagando prestação de Cr\$ 15 mil à imobiliária. Até agora, não assinou qualquer contrato de posse da área e segundo lhe prometeram, isso será feito após o pagamento integral das prestações.

Mas, para surpresa de Nivaldo, seu vizinho Pedro Lemos Vieira já quitou sua dívida com a imobiliária — no valor de Cr\$ 200 mil — e apenas um recibo lhe foi dado atestando esse pagamento. Domingas de Jesus Alacino também disse que houve a promessa, inclusive, de parte de políticos à época das eleições que garantiram a instalação de água e luz.

Waldemar Ferreira da Silva é outro que se sente enganado pela imobiliária. Ele paga uma prestação de Cr\$ 13 mil mensais e disse que, além de não ter os benefícios, recebe diariamente fardos de lixo despejados por moradores que moram na parte de cima do bairro.

outro problema relacionado a problemas relacionados à precariedade da rua rede de estotos. São muitas as reclamações sobre o entupimento da rede e também existem vazamentos em algumas ruas, atestando o fato. A comunidade quer que a prefeitura promova a desobstrução das manilhas.

Todo o esgoto do bairro é despejado nas suas imediações e, tal fato, segundo atestam alguns moradores e, também, o presidente do Centro Comunitário, Sivaldo Paulo dos Santos, acabou por contaminar a água anteriormente distribuída por um chafariz, instalado por iniciativa da prefeitura. A água, segundo Sivaldo, era de excelente qualidade e muitas famílias a utilizavam apenas para beber (houve época, em que o conjunto não recebia água tratada e o chafariz, por isso mesmo, era de grande utilidade).

Um outro morador, Gerson Nunes Oliveira, residente na rua Castanheiras, reclamou do itinerário dos ônibus de José de Anchieta. Conforme disse, é a única linha do município da Serra que não vai até à rodoviária Grande Vitória, na ilha do Príncipe.

Arízio Cardoso, residente na Rua Diamante, criticou diretamente o Detran. Ressaltou que se o serviço é ruim com ônibus lotados, descumprimento de horário e passagens caras, é tudo por inteira responsabilidade do Detran, que "não zela pelos interesses dos usuários". "Se houvesse um trabalho rigoroso em cima das empresas, a população estaria melhor atendida. E tendo conforto e segurança, talvez nem reclamasse do alto preço da passagem", acrescentou Arízio.

O conjunto habitacional registra problemas relacionados à precariedade da rua rede de estotos. São muitas as reclamações sobre o entupimento da rede e também existem vazamentos em algumas ruas, atestando o fato. A comunidade quer que a prefeitura promova a desobstrução das manilhas.

Todo o esgoto do bairro é despejado nas suas imediações e, tal fato, segundo atestam alguns moradores e, também, o presidente do Centro Comunitário, Sivaldo Paulo dos Santos, acabou por contaminar a água anteriormente distribuída por um chafariz, instalado por iniciativa da prefeitura. A água, segundo Sivaldo, era de excelente qualidade e muitas famílias a utilizavam apenas para beber (houve época, em que o conjunto não recebia água tratada e o chafariz, por isso mesmo, era de grande utilidade).

FECHADO

O chafariz atualmente não tem nem mesmo torneira. Elas foram retiradas justamente para evitar que a água contaminada fosse consumida. Em algumas ruas, como a Imbuia, o que aflige aos moradores é o entupimento da rede de esgotos.

Dalva Carneiro, que reside há vários anos no local, assegura que há quase dois anos o problema permanece. No cruzamento com a Coronel Manoel Nunes, os detritos ficam expostos e o mau cheiro é constante. "Aqui em casa", diz a mulher, "quase não se pode usar os banheiros. A gente já não sabe mais o que fazer".

Na rua Vinhático, o problema se repete no cruzamento com a rua Pau Brasil, onde uma vala permanece aberta para facilitar o escoamento do esgoto que transborda no local há muito tempo, sem solução.

Posto médico precisa de melhorias

Também o posto de atendimento médico, mantido pelo Instituto Estadual de Saúde Pública (Iesp), necessita de melhorias, segundo afirmam os moradores do bairro. Uma das reivindicações diz respeito à necessidade de aparelhamento do posto, para que possa oferecer atendimento de primeiros socorros.

A sala de curativos não funciona por falta de equipamentos e material. Três médicos atendem a população de segunda a sexta-feira, mas a comunidade alega que o número de fichas é sempre insuficiente. Há também

queixas sobre a não-substituição dos profissionais, em caso de férias, por exemplo.

A ambulância também é um forte motivo de insatisfação da comunidade. Segundo Ilka Almeida Neves, uma das moradoras, em 1979, um grupo de senhoras do bairro participou da Feira dos Municípios com o objetivo de obter recursos necessários à aquisição do veículo. Parte do dinheiro necessário foi arrecadado e o restante foi fornecido pela entidade denominada Fraternidade Assistencial Mestre Álvaro (Fama).

O veículo foi entregue, segundo a moradora, em 1981, mas só permaneceu no bairro por alguns meses. Hoje ele serve a todo o município e já está bastante desgastado. A comunidade reivindicou a ambulância à prefeitura, mesmo admitindo que o município tem carência nesse serviço. Até ontem, porém, José de Anchieta permanecia à espera de sua ambulância.

escolas, mas o MEC não deu na escola há filtros em seu parecer sobre os projetos quantidade suficiente.

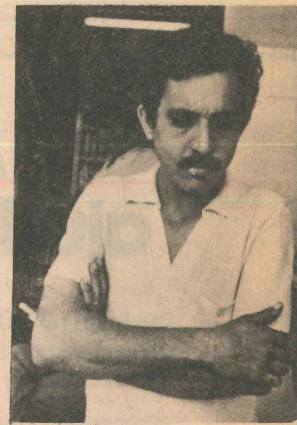
Administrador admite falta de apoio dos setores municipais

A falta de apoio dos vários setores da administração municipal foi apontada pelo administrador regional de José de Anchieta, Maurício Negrelli, como o principal entrave na resolução dos problemas que afetam os quatro mil moradores do bairro.

Negrelli, que a cada momento, ontem, era assediado por vários moradores, tentava de todas as formas garantir que tem feito o possível para atender às necessidades da população. Entretanto, acabou revelando que, embora encaminhe todos os pedidos à administração municipal, não encontra resposta, sobretudo, do setor de obras.

"Não tenho operários especializados. Não tenho máquinas ou veículos. Estou trabalhando apenas com alguns garis e procuro fazer o que posso para atender as reivindicações de José de Anchieta, onde também moro há seis anos", desabafou o administrador, revelando que, de fato, recebeu ordens para "arrumar" o bairro em função da visita do projeto "Gazeta nos Bairros".

"Sou contrário a este tipo de coisa. Acho que o prefeito deveria ouvir as reclamações e depois, na próxima semana,



Negrelli não encontra respostas

fazer um mutirão e procurar dar condições para se executar um serviço permanente", salientou. Com relação à problemática de coleta de lixo, reclamação por muitos moradores, Maurício Negrelli disse que a solução seria instalar nas ruas caçambas estacionárias. Entretanto, já perdeu a esperança de conseguir esse equipamento um dia.

De solução mesmo, o administrador apenas acenou com a recuperação da avenida Manoel Nunes, principal via de acesso a José de Anchieta.